

**Luca Vargiu, *Hermeneutik und Kunstwissenschaft. Ein Dialog auf Distanz* – Emilio Betti und Hans Sedlmayr, Berlin: Logos Verlag, 2017.**

Luca Vargiu, professor na Universidade de Cagliari, é autor de uma vasta investigação no domínio da teoria da arte, com especial incidência nas teorias da imagem e na articulação entre Estética, Hermenêutica e História da Arte. O presente livro testemunha esse interesse que intersecta estéticas de base filosófica com teorias emanantes da historiografia crítica da arte, mostrando como as duas áreas, tendo embora sofrido desenvolvimentos independentes, não deixam de revelar múltiplos pontos de contacto e não raras influências recíprocas, uma contaminação particularmente marcante no período subsequente à Segunda Guerra Mundial.

Somos, desde logo, colocados em plena situação característica deste complexo período da história das ideias. Por um lado, a perda, por parte da filosofia, da tradicional função orientadora de guia dos saberes particulares conduziu à multiplicação de novas propostas: hermenêutica, filosofia da cultura, fenomenologia; assumindo ainda a pretensão de se estenderem à totalidade dos fenómenos, estas linhas de pensamento abandonaram, enquanto predominantemente metodológicas, a reflexão sobre o fundamento e os primeiros princípios que sustentara a metafísica clássica e o idealismo sistemático. Por outro lado, a emergência de múltiplas áreas das Humanidades, cada uma procurando alcançar rigor e cientificidade, mas ramificadas, por sua vez, em orientações muito distintas incidindo sobre objectos de análise cada vez mais delimitados. O desaparecimento de uma Estética unificada e o advento das mais diversas escolas e correntes que se debruçavam sobre as manifestações artísticas concorreram para uma situação de crise epistemológica, tanto pela fragmentação das áreas de estudo quanto pela multiplicação dos métodos aplicados.

O livro é resultado de um trabalho de vários anos dedicado a pensadores injustamente esquecidos, cujos escritos modelaram, na sua época e na relativa posteridade que alcançaram, esquemas mentais na apreciação do significado da arte contemporânea, designadamente das principais vanguardas. Tendo embora por base estudos previamente apresentados em colóquios ou já publicados, designadamente: “Il problema dell’arte contemporanea nel pensiero estetico di Emilio Betti” (Teramo, 1998) e *Incrocio Ermeneutici. Betti, Sedlmayr e l’interpretazione dell’opera d’arte* (Palermo, 2008), o presente *Hermeneutik und Kunstwissenschaft. Ein Dialog auf Distanz* – Emilio Betti und Hans Sedlmayr pode ser lido como um livro concebido desde a raiz.

Uma questão inicial determina a abordagem de Luca Vargiu: a aproximação entre Emilio Betti, o grande teórico italiano da hermenêutica jurídica, autor da monumental *Teoria generale della interpretazione* (1955), e Hans Sedlmayr, historiador da arte e notável expoente da chamada Nova Escola Vienense. Em causa está o paralelismo entre os critérios elaborados por Betti conducentes à objectividade da interpretação e a defesa da legalidade intrínseca aos processos criativos que preside à opção historiográfica de Sedlmayr. Ora, o diálogo à distância nomeado no subtítulo não significa que entre os dois pensadores afastados geograficamente houvesse um desconhecimento recíproco. Ficamos a saber que Hans Sedlmayr refere expressamente Betti no estudo *Über das Interpretieren von Werken der bildende Kunst. Entwurf eines didaktischen Programms* (1965), para não mencionar outros em que essa presença está subentendida. Comprovar-se-ia a hipótese lançada por Vargiu: a legitimidade de trazer Betti para a historiografia da arte, ampliando a posição mais generalizada na literatura secundária que o restringe à hermenêutica jurídica. Correlativamente, também Betti não só leu atentamente ensaios de Sedlmayr, como terá sido mesmo inspirado por ele. Assim justificada uma “relação à distância” na produção dos dois pensadores, a reconstrução de Vargiu não se limita à investigação biográfica e factual. Ao ponto de vista histórico-epocal, sempre conduzido numa rigorosa investigação das fontes, alia o ponto de vista teórico que discute longamente os núcleos problemáticos que marcaram as grandes preocupações destas décadas.

O livro está organizado em três Partes:

*Perda do centro e arte moderna* (1. Verlust der Mitte und moderne Kunst) gira em torno do cepticismo com que o período do pós-Guerra olhou para o passado e interpretou o advento e a evolução do movimento moderno. A reivindicação da total liberdade expressiva que desde o século XIX – ou mesmo ainda no final do século XVIII – constituiu a bandeira de grupos artísticos extra e anti-acadêmicos teria desembocado no nivelamento das produções e, no limite, na impossibilidade de distinguir entre arte e não arte. O desmoronamento de um conceito firme de “obra de arte” e ampliação das funções do artista, correlato de tal indistinção, representaria, mais ainda do que o desvanecimento de uma clara linha do desenvolvimento intra-artístico, marcado por sucessivas descontinuidades, um sintoma da crise espiritual e civilizacional que impregnaria a Europa.

A perda do centro – um mote dado pelo ensaio homónimo de Sedlmayr (*Verlust der Mitte und die moderne Kunst*, 1948) –, e a particular sensibilidade ao estado de um mundo em que antigos valores se desfaziam aproximam as posições do teórico da hermenêutica e do teórico da arte,

ambos inseridos em semelhante húmus cultural de conservadorismo e adeptos, respectivamente, do fascismo e do nacional-socialismo. Mas desta atitude de desencanto emerge também, e paradoxalmente, a abertura a um futuro em que a comunicabilidade visual e intuitiva da arte poderia ainda assumir o poder de coesão da Humanidade. Na tensão entre o movimento retrospectivo e o movimento prospectivo, entre diagnose e prognose, funda-se a necessidade de formular critérios compreensivos e interpretativos, mas também axiológicos, de legitimação e validação das produções da cultura.

Uma vez descrito, nas últimas secções da Parte 1., o ambiente intelectual e as dificuldades suscitadas pela classificação de objectos estéticos minimalistas, como os *ready-mades* ou obras do abstraccionismo e do suprematismo, *A interpretação da obra de arte* (2. Die Interpretation des Kunstwerkes) situa-nos em pleno coração dos debates travados em torno das categorias compreensivas da arte em geral e, mais especificamente, das obras singulares individualmente consideradas. Não será possível resumir aqui o esforço teórico para adequar os conceitos aos desafios da realidade sempre mutável das artes, um paciente trabalho reflexivo levado a cabo por Vargiu, que, para além dos protagonistas centrais do livro, convoca muitas outras figuras da historiografia crítica. Numa apaixonante reconstrução, são-nos mostradas as subtilezas conceptuais e semânticas que envolvem o tratamento de antinomias, tais: – a tensão entre autonomia e heteronomia da criação; – a concepção de “forma”, oscilando entre pureza e reversibilidade de forma e conteúdo (ou de texto e contexto); – a defesa da função formativa (en-formativa) ou da função deformadora do fazer artístico; – o estatuto de insularidade (auto-suficiência) ou de imersão (contextualização); a dissolução das fronteiras entre arte e não arte, ou entre arte e vida.

Em *Tópica e Interpretação* (3. Topik und Interpretation), não se trata já da interpretação, enquanto tal, da arte, mas da discussão do próprio estatuto da hermenêutica, designadamente quanto à necessidade de evitar o arbítrio da subjectividade de cada intérprete. Se toda a compreensão é sempre determinada por uma pré-compreensão, decorrerá daqui, das implicações do inevitável “círculo hermenêutico”, a equivalência de toda e qualquer leitura? Em sentido inverso, vão as propostas conducentes a cientificar a hermenêutica, designadamente os cânones da interpretação formulados por de Emilio Betti, destinados a garantir a correcção e a segurança das decisões em matéria jurídica. Em diálogo com personalidades como Theodor Viehweg e Helmut Coing, é discutida a elevação da hermenêutica de simples exercício de explicação-compreensão ao estatuto de *technè* com

autoridade normativa para superar os preconceitos e oferecer critérios de justeza na descoberta e reconstrução do sentido imanente dos textos.

Ao articular hermenêutica e ciência da arte o livro de Luca Vargiu será um inestimável instrumento para compreender o desaparecimento dos modelos tradicionais da história da arte –, acusados, nas décadas de Cinquenta e Sessenta do século passado, de psicologismo, de biografismo ou de subordinação a paradigmas obsoletos de beleza – e a formação de nova perspectivas historiográficas centradas na crítica imanente das obras e das imagens. Teóricos como Heinrich Wölfflin, Max Dessoir, Alois Riegl, Max Dvořák, Konrad Fiedler, Adama van Scheltema, e muitos outros, são integrados neste amplo panorama, sempre na base de um conhecimento muito informado da bibliografia primária e exposto com grande clareza.

*Adriana Veríssimo Serrão*